

DISCURSO HISTÓRICO E DISCURSO LITERÁRIO EM DORA BRUDER, DE PATRICK MODIANO

Marcia Caetano Langfeldt

► **To cite this version:**

Marcia Caetano Langfeldt. DISCURSO HISTÓRICO E DISCURSO LITERÁRIO EM DORA BRUDER, DE PATRICK MODIANO. 2001. hal-01449625

HAL Id: hal-01449625

<https://hal-univ-paris3.archives-ouvertes.fr/hal-01449625>

Preprint submitted on 27 Feb 2017

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



DISCURSO HISTÓRICO E DISCURSO LITERÁRIO, EM *DORA BRUDER*, DE PATRICK MODIANO



[VOLTAR](#)

Marcia Caetano da Silva
Mestranda - UFRJ

*"Não há, por um lado, um universo de coisas e de atividades
mudas, do outro, uma imagem sua.
A literatura também consiste numa atividade."* ¹

A obra de Patrick Modiano está intrinsecamente relacionada à reconstrução do passado. Em grande parte dela, o escritor aborda o período da ocupação alemã na França, em que ele desenvolve uma narrativa que oscila entre a ficção e a não-ficção. No livro *Dora Bruder*, de 1997, esta relação entre essas duas esferas se potencializa em um texto biográfico paralelo – e, em alguns momentos, amalgamado – a uma narrativa autobiográfica. A biografia trata da história de uma adolescente judia rancesa deportada para Auschwitz durante a ocupação. Neste texto, Modiano coloca em relevo as diversas formas de memória, ao utilizar-se da vida de Dora e das suas próprias reminiscências para reconstruir uma época.

Pode-se resumir que *Dora Bruder* é a história de um escritor que conta como encontrou um personagem real e descreve suas buscas para reconstruir a vida deste personagem. Trata-se mais de um projeto de biografia do que de uma biografia pura e simples. Projeto que praticamente não se conclui, uma vez que a quantidade de informação sobre Dora encontrada por Modiano na ocasião resume-se aos documentos de recenseamento dos judeus na época da ocupação na França.

Sem o subtítulo “romance” na capa como normalmente se encontra nos livros do escritor, o leitor habitual de Modiano fica em dúvida ao ler *Dora Bruder* se tudo não passaria de um jogo e a personagem principal seria, na verdade, fictícia. Em uma home page dedicada ao livro, o professor John Oswald, do Departamento de Francês da Universidade de Stirling (Reino Unido), comenta que chegou a cogitar que o nome “Dora Bruder” pudesse ser um anagrama que significaria “j’adore Bruder” (eu amo meu irmão), principalmente levando-se em conta que o escritor perdeu o único irmão aos dez anos de idade. Dora Bruder poderia ser também uma homenagem a todos aqueles que desapareceram durante a ocupação nazista a quem Modiano considerasse irmãos (http://www.stir.ac.uk/departments/arts/french/dora_bruder/index.htm).

Entretanto, Dora Bruder existiu de fato. Seu nome consta no *Mémorial de la déportation des Juifs de France*, publicado por Serge Klarsfeld em 1978. Nascida

em 1926, filha de Cécile e Ernest Bruder, imigrantes do leste Europeu, ela foi deportada para Auschwitz ao ser capturada após uma segunda fuga do internato onde estudava.

Feitas estas considerações, gostaria de retomar algumas questões concernentes à relação entre discurso literário e histórico dentro desta obra de Modiano. Como apoio para a reflexão, lembro a formulação do historiador Michel de Certeau sobre as especificidades do discurso histórico, em particular a idéia que desenvolve no texto "A operação histórica", de 1979, (p. 17-48), em que expõe a inevitabilidade do aspecto subjetivo na construção do discurso histórico. Com relação ao discurso literário e seu contexto, foram-me extremamente úteis as pesquisas desenvolvidas a este respeito por Dominique Maingueneau.

Em "A operação histórica" (1979), o historiador Michel de Certeau se pergunta "o que fabrica o historiador quando 'faz história'? Em que trabalha? Que produz?". Para Certeau, trata-se de uma "enigmática relação que ele estabelece com a sociedade presente e com a morte, pela mediação de atividades técnicas" (p.17). Sobre essas técnicas, Michel de Certeau explica a inevitabilidade da pertinência de um discurso histórico a um tempo e lugar. Para ele, esse "dialeto" é constitutivo do próprio discurso histórico, que seria realizado a partir de uma marca particular daquele que fala.

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, por mais longe que as estendamos, capazes de apagar a *particularidade* do lugar de onde eu falo e do domínio por onde conduzo uma investigação. (CERTEAU, Michel de. 1979, p. 17)

Essa visão "de fora" da constituição do discurso histórico e do seu entendimento enquanto uma disciplina é o que possibilita percebê-la como uma prática que, segundo Certeau, seria resumida em uma "operação" combinatória entre um lugar social e práticas científicas. Essa visão é resultado da crítica do cientificismo da história realizada na década de 30, em que se mostrou que a suposta objetividade da história não se comprovava na prática, uma vez que ela estava relacionada a um lugar e a um sujeito. Além disso, toda interpretação histórica depende de um sistema de referência, ao que Certeau chama de "filosofia implícita particular" e que remete à subjetividade do autor.

Considerar a história como uma operação, será tentar, de um modo necessariamente limitado, compreendê-la com a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, um ofício etc) e procedimentos de análise (uma disciplina). É admitir que a história faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser captada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". (CERTEAU, Michel de. 1979, p.18)

De modo semelhante, Dominique Maingueneau afirma que é preciso modificar

a concepção da relação texto/contexto como duas instâncias separadas, enquanto, na verdade, a exterioridade do contexto não se comprova.

Nessa perspectiva, não se conceberá a obra como uma **representação**, um arranjo de “conteúdos” que permitiria “expressar” de maneira mais ou menos desviada ideologias ou mentalidades. As obras falam efetivamente do mundo, mas sua *enunciação é parte integrante do mundo que pretensamente representam*. Não há, por um lado, um universo de coisas e de atividades mudas, do outro, uma imagem sua. A literatura também consiste numa **atividade**²; *não apenas ela mantém um discurso sobre o mundo, mas gera sua própria presença nesse mundo*. As condições de enunciação do texto literário não são uma estrutura contingente da qual este poderia se libertar, mas estão indefectivelmente vinculadas a seu sentido. (MAINGUENEAU, Dominique. 2001, p. 19)

Ao invés de contrapor o texto ao seu contexto, ele propõe uma interação, superposição, uma espécie de ponto localizado, o que é diferente de representação, uma vez que a representação pressupõe a possibilidade de uma certa exterioridade, um falar em terceira pessoa. Parece-me que, conforme destaca Maingueneau, a grande proximidade entre o discurso histórico e o literário seria exatamente este estado de *vir a ser*, ao que Michel de Certeau chama de “operação” e ao que Maingueneau chama de “atividade”. Trata-se de alguma coisa que está em constante realização de si mesma. É um discurso que constrói algo simultaneamente ao que constrói a si mesmo.

É nesta idéia que o texto de Patrick Modiano e, em particular, a questão da autobiografia, está inserida. Ao expor o *fazer* da narrativa, desde o princípio, quando descreve o primeiro contato com Dora Bruder – o encontro casual de uma notícia de jornal à procura de uma adolescente fugitiva de dezembro de 1941 – , até o fim, quando assume a impossibilidade da escrita da biografia, Modiano está colocando em relevo o caráter de “operação” que consiste o texto.

J’ignorerais toujours à quoi elle passait ses journées, où elle se cachait, en compagnie de qui elle se trouvait pendant les mois d’hiver de sa première fugue et au cours de quelques semaines de printemps où elle s’est échappée à nouveau. C’est là son secret. Un pauvre et précieux secret que les bourreaux, les ordonnances, les autorités dites d’occupation, le Dépôt, les casernes, les camps, l’Histoire, le temps – tout ce qui vous souille et vous détruit – n’auront pas pu lui voler. (MODIANO, Patrick, 1997, p. 144-145)

O projeto do texto de Modiano vai, deste modo, no sentido inverso, o da reconstrução e da reparação, ainda que assumindo a impossibilidade desta

construção. É neste sentido também que se insere a autobiografia de Patrick Modiano. Ao contexto originário de elaboração do texto Maingueneau chama de "paratopia do escritor".

Na escrita autobiográfica a relação entre obra e vida torna-se muito mais fluida. No conjunto, a obra de Patrick Modiano apresenta um forte caráter autobiográfico, formando um bloco coeso e com uma linha de semelhança contínua entre os personagens de seus livros. O que fez Guyot-Bender e VanderWolk observarem na introdução do livro em que organizaram artigos sobre o escritor:

Since the publication of his very first texts, readers have been tempted to unveil the individual Modiano and his intentions in his fiction. We can impute this phenomenon to many causes, among them a noticeable resemblance between his first person narrators and himself, and a stream – of-consciousness narration that blurs the distance between fiction and autobiography. (1998, p. 1-2)

Com relação ao que chama de escrita autoficcional de Patrick Modiano, Thierry Laurent (1997, pp.20-21) afirma que há um conjunto de informações que formam o "paratexto" da autoficção e que serão condicionais do estabelecimento de um "pacto" do autor com o leitor. O paratexto pode ser, por exemplo, o título, a dedicatória, a epígrafe, o prefácio, a quarta capa e as entrevistas concedidas pelo autor.

De fato, Modiano concede inúmeras entrevistas aos mais diversos veículos de comunicação da mídia impressa ou eletrônica. Mas, se é viável apontar o caráter autobiográfico ou autoficcional da sua obra, pode-se questionar até que ponto o personagem público do escritor é Patrick Modiano.

Dentro desta perspectiva, *Dora Bruder* é a obra característica do autor. É realização do projeto que se assume como projeto, que se revela no seu passo-a-passo e no seu *fazer-se* narrativa. Ao colocar em relevo a construção da narrativa, Patrick Modiano destaca o caráter de atividade do discurso literário, como algo que gera a sua presença nesse mundo ao mesmo tempo em que constrói o seu sentido.

Referências Bibliográficas

- CERTEAU, Michel de. "A operação histórica". In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979. Trad. Theo Santiago.
- GUYOT-BENDER, Martine & VANDERWOLK, William. *Paradigms of memory*. The Occupation and other Hi/stories in the novels of Patrick Modiano. New York, Peter Lang, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo, Martins Fontes, 2001. Trad. Marina Appenzeller.
- MODIANO, Patrick. *Dora Bruder*. Paris, Gallimard, 1997.

Site sobre Dora Bruder, realizado pelo professor John Oswald, do Departamento de Francês da Universidade de Stirling (Reino Unido).

- http://www.stir.ac.uk/departments/arts/french/dora_bruder/index.htm

[1] MAINGUENEAU (2001), p. 19

[2] É o próprio Maingueneau que relaciona sua idéia de literatura enquanto atividade à idéia da história como operação, de Michel de Certeau. O modo como essas operações ou atividades agenciam os seus diferentes fatores constituintes, entretanto, é diferente, embora seus métodos sejam similares